

## **I CONACSO**

Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos.

23 a 25 de setembro de 2015

UFES, Vitória-ES.

### **IMIGRANTES E PROCESSOS DE IDENTIDADE SOCIAL: OS BRASILEIROS NO REINO UNIDO**

**Autoras:**

**Roberta Rangel Batista – (Graduada, Mestre e Doutoranda em Psicologia, UFES)**

**Mariana Bonomo – (Doutora em Psicologia, Professora do Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento e do Programa de Pós Graduação em Psicologia, UFES)**

## INTRODUÇÃO

O descontentamento com a situação política, insegurança e falta de oportunidades de crescimento cultural e profissional no país, se apresentam como motivadores para a emigração dos brasileiros (CANTALICE, 2011; MILEZI E FANTAZINO, 2008). A insatisfação, aliada ao padrão normatizador da cultura branca e europeia, pode possibilitar a identificação dos brasileiros imigrantes na Europa com a cultura do país de destino (ECOSTEGUY, 2003; VERMEULEN E BRÜNGER, 2013).

No entanto, embora sejam comuns as migrações para o continente europeu, Robertson (2014) discute que a detenção de um *status* cultural maior, pode excluir determinados grupos da categoria de migrantes e/ou dominados, em função de seu prestígio em outras nações com estereótipos inferiores a sua.

A Teoria da Identidade Social (TAJFEL, 1981) discute que os indivíduos compõem a sua identidade através de suas diferentes pertencas aos grupos sociais. Segundo Tajfel (1981) estas pertencas possuem o objetivo de propiciar ao indivíduo uma auto imagem social positiva, frente aos outros grupos na comparação social. Ao se considerar os grupos sociais brasileiros, imigrantes e europeus, pode-se pressupor que os migrantes identifiquem-se com o grupo europeu, em função da elevação do *status* social que resultará desta pertença.

## OBJETIVOS

Com base nas proposições apresentadas, objetiva-se neste estudo discutir o processo de identidade social de brasileiros imigrantes no Reino Unido, a partir da Teoria da Identidade Social.

Este trabalho compõe um recorte de parte dos dados tratados e discutidos na dissertação de Mestrado em Psicologia intitulada “*Brasileiros imigrantes na Europa: das representações sociais aos processos identitários*” da Universidade Federal do Espírito Santo.

## MÉTODO

### *Participantes*

Participaram deste estudo 08 brasileiros imigrantes no Reino Unido, sendo 04 homens e 04 mulheres. As entrevistas foram realizadas em Londres, Reino Unido, nos locais de preferência dos participantes.

### *Instrumento*

Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se um roteiro semiestruturado, norteado pelos seguintes temas: 1) vida no Brasil antes da imigração, 2) começo da vida no país estrangeiro, 3) redes sociais de apoio e 4) vinculações ao país de origem.

Além disso, foi utilizado um instrumento adicional, no qual os indivíduos localizavam e avaliavam suas pertencas aos grupos *brasileiro*, *européu* e *imigrante*, considerados salientes no contexto da migração.

#### *Tratamento dos dados*

Os dados das entrevistas foram tratados pela Classificação Hierárquica Descendente do *software* Alceste, que se caracteriza como uma metodologia que qualifica um texto e extrai “suas estruturas significativas” (IMAGE, 2010, p. 05).

### **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O *software* Alceste gerou um dendrograma com cinco classes (Ver Figura 1), que delimitam períodos específicos da experiência migratória dos brasileiros no Reino Unido. A classe 1, “dificuldades e rede de apoio”, aparece relacionada à classe 3, “começo da vida no Reino Unido”, por um  $r = 0,62$ . Juntas, estas classes compõem o subeixo “Vivendo no Reino Unido” por se tratar de situações que ocorreram apenas no país estrangeiro.

O subeixo “Vivendo no Reino Unido” possui relação com o subeixo “Vivendo no Brasil”, por um  $r = 0,32$ . Este segundo subeixo é composto pela classe 2, “planejando a migração”, e pela classe 4, “a vida no Brasil”. Estas duas classes são constituídas de termos que fazem referência à vida no Brasil antes da migração. As classes 2 e 4 possuem forte ligação (Camargo, 2005) com  $r = 0,70$ .

Por fim, o segundo eixo é formado unicamente pela classe 5, “identificação social”. Este eixo se liga ao primeiro eixo “Vivência migratória” por um  $r = 0,02$  e refere-se aos grupos sociais citados na entrevista com os migrantes. Nota-se que este eixo apresenta a flexibilidade dos imigrantes frente aos diversos grupos sociais com os quais possuem relação.

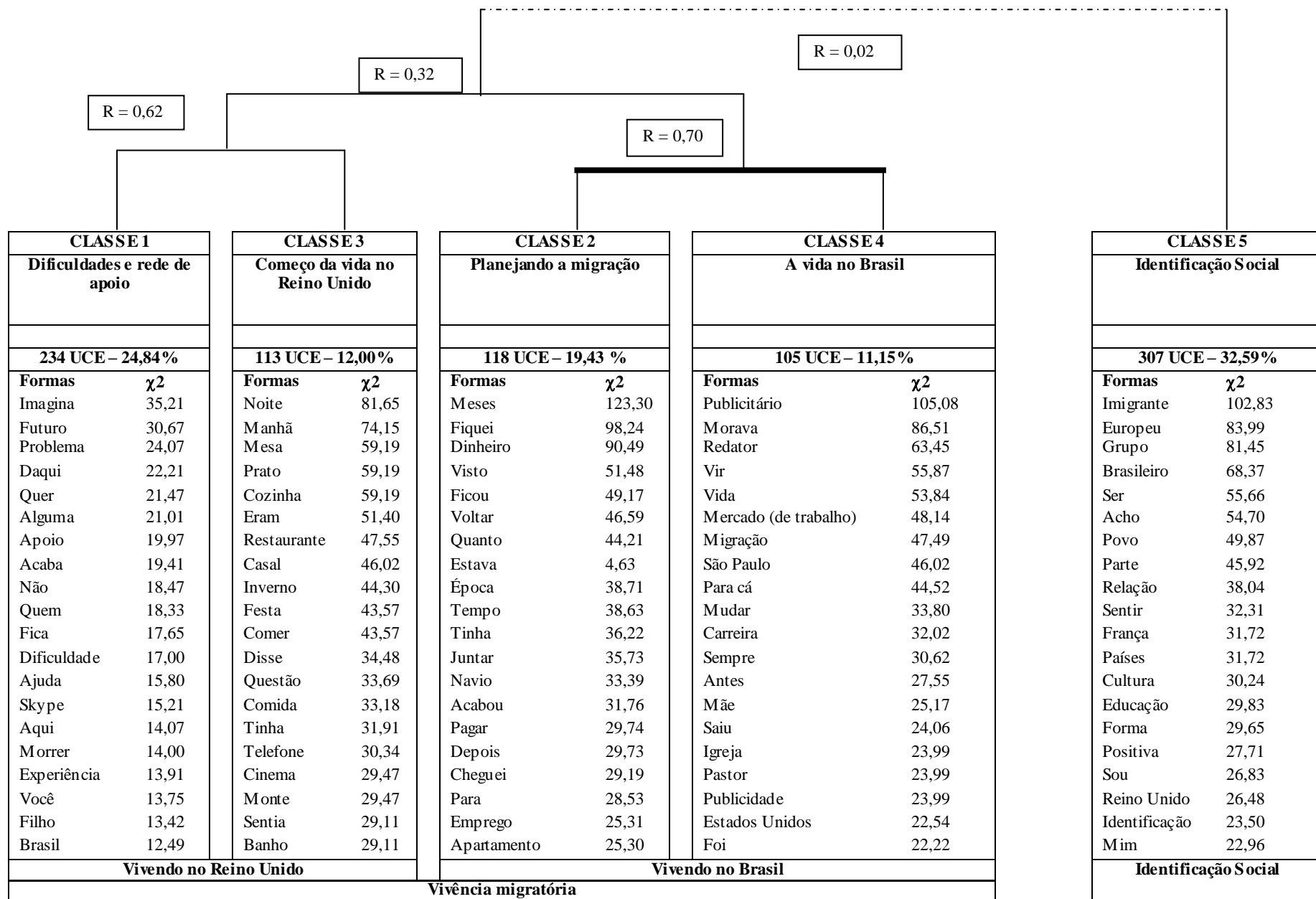


Figura 1- Classificação Hierárquica Descendente – dendograma de classes estáveis

A primeira classe, denominada “dificuldades e rede de apoio”, sinaliza as maiores adversidades que os brasileiros passaram, ou que ainda passam no Reino Unido, e a quem eles recorrem nestas situações. As Unidades de Contexto Elementar (UCE’s) abaixo indicam as dificuldades com a língua e o conforto ao se comunicarem à distância com a família no Brasil. O Skype (recurso *online* para chamadas telefônicas em vídeo) aparece como meio importante para se contornar as dificuldades. Os termos mais significativos para esta classe são: *imagina, futuro, problema, daqui, quer, alguma e apoio*.

“Não tem jeito. Tem que ter. Se acontece alguma emergência, alguma coisa, eu vou chamar quem? Vou ligar para quem, se eu não falo inglês? Não tem jeito, né?” (Suzanna)

“E estando aqui, você não tem o que fazer. Por exemplo, os meus sobrinhos, estão crescendo e daqui a pouco não vão saber nem quem é a tia deles, porque só me conhecem no *Skype*.” (Carmem)

Mais próxima da primeira classe, a classe 3 denomina-se “começo da vida no Reino Unido”. A proximidade desta terceira classe com a primeira indica um conteúdo bastante similar. Entretanto, a diferença entre as duas encontra-se no fato de que a terceira classe evidencia, principalmente, dificuldades relacionadas aos empregos e ao convívio com os ingleses, enquanto a primeira apresenta as dificuldades em se criar redes de apoio.

Elementos como *prato, cozinha e restaurante* indicam que boa parte dos entrevistados começou sua vida no Reino Unido trabalhando em restaurantes. Além disso, a falta de luz solar no inverno também se coloca como ponto considerado desfavorável na migração. Os principais termos desta classe são: *noite, manhã, mesa, prato, cozinha, eram e restaurante* que fornecem um panorama da rotina pesada de trabalhos por turnos nos restaurantes do país de destino.

“Não gostei do emprego por esta questão, como era um hotel pequeno, só tinham cerca de 30 apartamentos e os funcionários eram do tipo ‘faz tudo’.” (Glória)

“Então, era comum chegar na cozinha às 8 da manhã e sair às 8 da noite, 10 da noite, meia noite, como já aconteceu.” (Jorge)

A classe 2, “planejando a migração”, apresenta elementos que fazem alusão à vida no Brasil e aos planos de migração. Nota-se que esta classe se caracteriza pelas ações realizadas em uma época bastante próxima da imigração (como *juntar dinheiro* e providenciar o *visto*) e, por esta razão, elementos como *fiquei, dinheiro e visto* destacam-se. Outros termos como: *quanto, estava, época, tempo, emprego e apartamento* ressaltam a preocupação destes imigrantes com a organização da partida.

“Eu não podia alugar um apartamento porque eu não sabia até quando o dinheiro ia dar. Então, eu aluguei um quarto.” (Suzanna)

“No trabalho que eu consegui no Brasil, de recepcionista de imobiliária, eu ganhava 1800 reais por mês, tinha duas folgas no mês, e foi o dinheiro que eu juntei para ir.” (Caroline)

A classe 4, denominada “a vida no Brasil”, evidencia elementos que se referem, basicamente, ao modo de vida destes brasileiros enquanto viviam no Brasil. A cidade de *São Paulo*, a profissão de *publicitário* e o *mercado* de trabalho compõem nesta classe o que faziam e onde viviam estes brasileiros. A palavra *carreira* encontra-se nesta classe e, pode significar o desejo de muitos destes entrevistados de melhorar suas carreiras profissionais fora do Brasil, seja aprendendo inglês ou tendo outras oportunidades profissionais.

“Eu queria dar um impulso na minha carreira e fui para São Paulo. Fiz minha carreira profissional lá, como redator, trabalhando em grandes agências brasileiras.” (Peter)

“Eu tinha uma vida confortável em São Paulo, porque, na verdade, quando eu trabalhei lá, o mercado publicitário era tipo um *oasis* no mercado de trabalho do Brasil naquela época.” (Elias)

Por fim, a classe 5, “identificação social”, forma um único eixo de análise. Esta formação se justifica pelo agrupamento das respostas dadas ao instrumento adicional à entrevista semiestruturada, que questionava a relação que os brasileiros tinham com os grupos sociais: *imigrante, europeu, estrangeiro, britânico e brasileiro*. O modo como os entrevistados se relacionam a cada um destes grupos está também ilustrado na Tabela 1.

Esta tabela foi organizada conforme as falas dos participantes, os quais receberam nomes fictícios para que fosse preservada sua identidade.

Tabela 1- Identificação social dos participantes

	<b>Britânico</b>	<b>Brasileiro</b>	<b>Europeu</b>	<b>Es trangeiro</b>	<b>Imigrante</b>
Cristiano	Sente-se como parte do grupo. Afirma que para ser britânico o indivíduo tem de se integrar. Possui uma relação positiva com este grupo.	Sente-se como parte do grupo. Mas, sente muito pelos “irmãos brasileiros” pelo o que passam no Brasil. Afirma possuir uma relação positiva com este grupo.	Não se sente europeu. Faz alusão à rixa entre franceses e britânicos e associa-se ao lado britânico. Mas, afirma possuir uma relação positiva com este grupo	Sente-se como parte do grupo, a depender da situação. Afirma possuir uma relação positiva com este grupo.	Sente-se imigrante. Afirma que, diferentemente do estrangeiro, o migrante veio para ficar. Possui uma relação positiva com este grupo.
Jorge	Não se sente britânico, apesar de admirar o povo, de achá-lo muito educado e politizado. Possui uma relação positiva com este grupo.	Sente-se brasileiro e, segundo ele, isso não mudará nunca, apesar do ressentimento com o país. Possui uma relação positiva com este grupo.	Sente-se europeu por ter cidadania italiana e por morar no continente europeu. Mas, afirma possuir uma relação de neutralidade com este grupo.	Sente-se estrangeiro pelo fato de não estar em seu país. Possui uma relação positiva com este grupo.	Sente-se imigrante, mas não acha que isso o diminua frente aos britânicos. Possui uma relação positiva com este grupo.
Peter	Sua maior comunidade de amigos está inserida neste grupo. Demorou cerca de 2 anos para que os amigos ingleses passassem a considerá-lo como parte do grupo. Afirma possuir uma relação positiva com este grupo.	Sente-se brasileiro. Mas, afirma que não vive na mesma condição que eles no Reino Unido. Afirma possuir uma relação de neutralidade com este grupo.	Não se sente parte. Não possui muita relação com este grupo. Afirma possuir uma relação de neutralidade com este grupo.	Não se sente parte deste grupo. Possui uma relação de neutralidade com este grupo.	Não se sente imigrante, por viver em uma condição diferente da maioria deles. Possui uma relação de neutralidade com este grupo.
Elias	Não se sente britânico, mas afirma que se considera parte do grupo familiar de sua esposa, sente-se muito bem com eles. Afirma	Sente-se brasileiro. Não sai muito com compatriotas, mas, quando está em um ambiente brasileiro, julga que ali é seu habitat. Possui uma relação	Não se sente europeu. Mas, afirma ter uma relação de neutralidade com este grupo.	Considera-se, às vezes, estrangeiro. Possui relação de neutralidade com o grupo.	Considera-se, às vezes, imigrante. E possui uma relação de neutralidade com o grupo.

	possuir uma relação positiva com este grupo.	positiva com este grupo.			
Suzanna	Identifica-se com o grupo britânico pela possibilidade de ter acesso a bens materiais com isso. Afirma possuir uma relação positiva com este grupo.	Sente-se brasileira. Afirma que o Brasil é sua pátria, sua casa. Afirma possuir uma relação positiva com este grupo.	Identifica-se com o grupo europeu pela possibilidade de ter a cidadania italiana e ter acesso a bens materiais com isso. Possui uma relação positiva com este grupo.	Não enxerga diferenças entre o grupo estrangeiro e migrante. Mas, afirma possuir uma relação neutra com este grupo.	Considera-se uma imigrante e afirma que sua relação com este grupo é positiva, pois concebe que, se a experiência não tivesse esse cunho, ela não seria uma imigrante.
Glória	Glória não coaduna com a cultura e hábitos britânicos. Não se identifica com o grupo. Mas, afirma possuir uma relação positiva com este grupo.	Identifica-se com o grupo brasileiro. Concebe que se tornou muito mais nacionalista após a imigração, pelo fato de querer manter sua cultura, de falar português, comer comida e ouvir música brasileira. Possui uma relação positiva com o grupo.	Não se identifica com o grupo europeu. Para ela, a pessoa necessita ter nascido na Europa para ser européia. Mas, afirma possuir uma relação positiva com este grupo	Não se considera estrangeira, apesar de não ver diferenças entre o grupo estrangeiro e migrante. Afirma possuir uma relação positiva com este grupo.	Sente-se imigrante e afirma possuir uma relação positiva com este grupo
Carmen	Identifica-se com o grupo britânico. Gosta muito da educação e do jeito deles, mas, confessa que tem dias que fica muito brava com algumas situações pontuais. Afirma possuir uma relação positiva com este grupo.	O grupo brasileiro vem sempre em primeiro lugar para Carmen. Afirma que é a sua casa. Possui uma relação positiva com este grupo	Identifica-se com os europeus, gosta bastante e afirma que é sempre bom estar em contato com outras culturas, pois considera cada país europeu muito diferente um do outro. Afirma possuir uma relação positiva com este grupo.	Sente-se estrangeira e considera o grupo bastante rico culturalmente. Possui relação positiva com este grupo.	Sente-se imigrante e considera o grupo bastante rico culturalmente. Possui relação positiva com este grupo
Caroline	Não se sente britânica. Além da pontualidade, segundo Caroline, não a nada que a iguale a este grupo. Possui uma	Sente-se como parte do grupo brasileiro. No entanto, afirma que muitas vezes não aprova o comportamento das pessoas brasileiras. Não gosta de música	Sente-se européia, não só pelo passaporte europeu que possui, mas também por sua família ser constituída de húngaros e portugueses, o	Sente-se estrangeira e a relação com este grupo é de neutralidade.	Sente-se imigrante, mas, concebe que existem algumas diferenças entre ela e alguns migrantes tanto brasileiros quanto de outros países. A relação com



	relação de neutralidade com o grupo.	brasileira e confessa que deixa de lado e ignora muitas coisas ruins do Brasil. A relação com o grupo é negativa.	que favoreceu seu conhecimento da cultura destes países. A relação com este grupo é neutra.		este grupo é negativa.
--	--------------------------------------	---	---	--	------------------------

As opiniões dos brasileiros em relação a cada um dos grupos apresentavam certa coesão. Em se tratando dos *imigrantes*, boa parte afirma sentir-se parte, e afirmam ser este grupo muito parecido ou igual ao grupo *estrangeiro*. Para os entrevistados, ser *britânico* está intimamente ligado com o fato de ter nascido no país e de gostar dele. É importante ressaltar também que os entrevistados, apesar de demonstrarem sentimento de pertença ao grupo *brasileiro*, demonstram também ressentimento com o país e seu povo.

“Mas, para mim, somando os pros e contras, tem muito mais ponto positivo do que negativo em ser imigrante.” (Carmen)

“Para mim, ser britânico inclui muitas características como, por exemplo, gostar do país, não se importar quando o tempo está ruim, ter um comportamento britânico, e se identificar enquanto britânico... ter nascido aqui.” (Glória)

“As coisas boas do brasileiro, eu pego para mim. A coisa ruim, eu deixo de lado. Mas, sim, eu me sinto parte do grupo brasileiro.” (Caroline)

A falta de oportunidades no Brasil não aparece como único motivador para a saída dos brasileiros (CANTALICE, 2011; MILEZI E FANTAZINO, 2008), podendo ser observado, também, certa identificação com o grupo de destino e o desejo de se permanecer no país estrangeiro (ECOSTEGUY, 2003; VERMEULEN & BRÜNGER, 2013). Nota-se que esta identificação e pertença ao grupo *britânico* fortalecem a aspiração destes brasileiros a uma identidade com *status* mais elevado (TAJFEL, 1981), apesar das dificuldades enfrentadas no começo da migração. Contudo, o fato de os brasileiros recorrerem à rede de apoio familiar no Brasil indica a continuidade da identificação com o grupo de origem.

Nota-se, a partir das enunciações, que o processo de identificação dos brasileiros mostra-se flexível. Todos os brasileiros, apesar de afirmarem descontentamento com o

grupo de origem e com o comportamento dos compatriotas, consideram-se pertencentes ao grupo *brasileiro* e identificam-se com a cultura do país. Avaliam suas pertencças ao grupo de modo positivo e identificam-se com ele. Mas, os brasileiros entrevistados destacam diferenças de comportamento entre o grupo de origem e o grupo do país de destino, considerando o grupo *britânico* mais educado e, ao mesmo tempo, mais distante nas relações pessoais.

Observa-se, contudo, afirmações de situações de insatisfação no grupo britânico (como a existência de muitas regras e a dificuldade e demora em se criar amizades de confiança), apesar de haver certa contradição frente ao acolhimento e afeto, especialmente, daqueles que são casados com pessoas do país de destino. Em se tratando da dinâmica de pertencimento ao grupo *migrante*, os brasileiros afirmam sua pertença, mas, ressaltam que não se sentem inferiores por pertencerem ao grupo (TAJFEL, 1981). Enfatizam, ainda, que há diferenças entre eles e os imigrantes “típicos”, criando uma categoria que difere do restante dos imigrantes e estrangeiros (ROBERTSON, 2014).

A relação com o grupo *européu* decorre da vivência no continente e da posse do documento de passaporte que regulariza a permanência no país. Os brasileiros não reconhecem a pertença a este grupo como significativa e ressaltam, majoritariamente, a necessidade de registro e documentação no continente para permanecer no Reino Unido.

A dimensão psicológica da identificação dos brasileiros com os grupos sociais possui uma dinâmica de referenciação ao grupo de origem e reafirmação de suas pertencças e afetos ligados ao grupo brasileiro, especialmente, quando se trata das redes sociais de apoio e dos hábitos e costumes da cultura brasileira. A avaliação e reconhecimento da pertença a este grupo aparecem em todas as entrevistas, indicando que o processo identitário destes migrantes é híbrido e enquadrado em um jogo identitário que permite adaptações.

Ao grupo britânico, os brasileiros se avaliam como pertencentes, indicando identificação com o lugar em que vivem e a importância de serem reconhecidos pelos membros do grupo como cidadãos britânicos. Os brasileiros evidenciam a pertença ao grupo migrante, mas contornam os estereótipos negativos relacionados a este grupo, fazendo uma avaliação positiva da experiência migratória (ROBERTSON, 2014; TAJFEL, 1981).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANTALICE, T. O melhor do Brasil é o brasileiro! Corpo, identidade, desejo e poder. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latino-americana**, n. 7, p. 69-102, 2011.
- ECOSTEGUY, A. C. D. Os Estudos Culturais e a constituição de sua identidade. In GUARESCHI, M. F. & BRUSCHI, M. E. (Orgs.), **Psicologia Social nos estudos culturais: perspectivas e desafios para uma nova psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 51-74.
- IMAGE. *Alceste 2010 Versão Windows. Software de análises textuais*. Targetware Informática LTDA, 2010. Disponível em <http://www.alcestesoftware.com.br/manuais/alceste-manual.pdf>. Acesso em 20 de novembro de 2013.
- MILESI, R., & FANTAZINO, O. Cidadãs e Cidadãos Brasileiros no Exterior. O Documento de Lisboa, a Carta de Boston e o Documento de Bruxelas. **Brasileiros e Brasileiras no exterior**. Instituto Migrações e Direitos Humanos, 2008. Disponível em: <http://www.migrante.org.br/IMDH/ControleConteudo.aspx?area=18feb348-0d1d-4704-8f97-b57dac11de1d>. Acesso em 21/10/2013.
- ROBERTSON, S. **The temporalities of international migration: implications for ethnographic research**. Institute for Culture and Society: University of Western Sydney, 2014.
- VERMEULEN, F., & BRÜNGER, M. The organisational legitimacy of immigrant groups: turks and moroccans in Amsterdam. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 40, n. 7, p. 979-1001, 2013.
- TAJFEL, H. **Human groups and social categories**. Cambridge University Press, Cambridge, 1981.